

O Autor parte de fato de que João, o evangelista da encarnação, recorre, entre outros símbolos, ao da Água, para expressar o mistério de Jesus. Por isso, aproveitando o incentivo da CF-2004, o artigo mostra como João desenvolve esse tema, como o explicita, sob que ângulos o apresenta, e isto não só no seu evangelho, mas também na primeira carta e no próprio Apocalipse. Mediante uma análise seqüencial dos textos joaninos relacionados com o tema, o Autor espera ajudar o leitor a perceber as conseqüências, para nós, do que significa crer em Jesus, Água verdadeira, que se torna, dentro de todo aquele que crê, em fonte que jorra para a Vida eterna.

Dá-me de beber (Jo 4,7)

O tema da água nos escritos de São João

*Ney Brasil Pereira**

* O Autor é Mestre em Ciências Bíblicas e Professor no ITESC.



Introdução

Já Clemente de Alexandria, em fins do século II ou inícios do século III, observou o que foi tornando-se cada vez mais claro ao longo da história da exegese dos evangelhos: comparado aos três sinóticos, o evangelho segundo João é um evangelho “espiritual”. Como se expressa o próprio Clemente: “Verificando que nos outros evangelhos haviam sido narrados os fatos que dizem respeito ao corpo do Cristo, João, o último de todos, divinamente inspirado pelo Espírito, compôs, a pedido dos seus amigos, um evangelho *espiritual*”¹. “Espiritual”, no sentido de que, mais que os outros, João aprofunda o significado dos fatos e das palavras referentes a Jesus. Com um vocabulário comparativamente reduzido, ele exprime a sua teologia “em termos simbólicos, acessíveis a qualquer pessoa que tenha sensibilidade por esses grandes símbolos da humanidade: os arquétipos luz e trevas, verdade e mentira, vida e morte...”² “Espiritual”, porém, não no sentido de “abstrato”, ou “desencarnado”, pois João é o evangelista que mais insiste na realidade da encarnação. Se Jesus é o Logos, a Palavra eterna do Pai, esse Logos se fez “carne”, assumindo plenamente a nossa condição humana e morando no meio de nós (Jo 1,14). É essa teologia “espiritual”, mas “encarnada”, que leva João a recorrer aos símbolos mais quotidianos para falar de Jesus: assim, Jesus é a “Palavra” (1,1), o “Pão” (6,35), a “Luz” (8,12), a “Porta” (10,7), o “Pastor” (10,11), o “Caminho” (14,6), a “Videira” (15,1)... e é também a “Água”, que sacia a quem tem sede (7,37).

Vejamos, pois, aproveitando o incentivo que nos dá a Campanha da Fraternidade 2004, sobre a Água, como João desenvolve este tema, como ele o explica, sob que ângulos o apresenta, e isto não só no seu evangelho, mas também na sua primeira carta e no próprio Apocalipse. Este, embora não sendo do mesmo redator, é no entanto considerado também um escrito “joanino”, com inegáveis pontos de contacto com o quarto evangelho. Após uma análise sequencial dos textos relacionados com o tema, esperamos chegar, no fim, a uma síntese que nos faça perceber as conseqüências, para nós, do que significa crer em Jesus, água que se torna em *fonte que jorra para a vida eterna* (4,14).

¹ CLEMENTE de Alexandria (150-211), num fragmento das “Hipótiposes”, citado por Eusébio na “História Eclesiástica” VI, 14, 7 (cf edição brasileira dessa obra na Paulus, SP, 2000, pp. 299-300). O texto grego encontra-se em ROUET DE JOURNEL, *Enchiridion Patristicum*, n. 439.

² Cf KONINGS, J., “Evangelho segundo João. Amor e Fidelidade”, Vozes, Petrópolis, 2000, p. 53.



1. A água que mata a sede

1.1. *Dá-me de beber* (Jo 4,7)

A penúltima palavra de Jesus na cruz, segundo João, é a manifestação de uma sede mortal, angustiada, nas vascas da agonia: *Tenho sede!* (19,28). Ela corresponde, no quarto evangelho, à primeira palavra do Senhor à anônima mulher da Samaria, no início daquele diálogo frutuoso que vai culminar na conversão de muitos outros samaritanos. Jesus estava cansado da caminhada, e sentara-se junto ao poço de Jacó, na cidade de Sicar (4,5-6). Quando uma mulher se aproxima para tirar água do poço, Jesus lhe pede: *Dá-me de beber* (4,7). Se fez este pedido, é porque tinha sede. Não aquela sede agoniada da Cruz, mas sede mesmo, de água potável, uma das necessidades vitais mais prementes do ser humano. É esta necessidade que o leva a entabolar o diálogo, aparentemente impossível, entre ele, um rabino judeu, e ela, a mulher samaritana de vida irregular. Ela estranha o pedido, dando a Jesus a oportunidade – e isto é uma das técnicas da narrativa joanina – de aprofundar o sentido da água e da sede. De fato, Jesus diz à mulher: *Se conhecesses o dom de Deus, e quem é que te diz ‘Dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias, e ele te daria água vivente*³ (4,10). Invertem-se, portanto, as posições. Jesus, da posição de pedinte, passa à de doador. Pedira “*água*”, simplesmente; agora, oferece “*água vivente*”, ou melhor, “*vivificante*”, água que é “*dom de Deus*”, o qual é sua fonte. Já o lembrara o profeta Jeremias, ao denunciar que seu povo havia abandonado o Senhor, *fonte de água vivificante, para cavar para si cisternas rachadas, incapazes de reter água* (Jr 2,13).

A mulher retruca: *Senhor, não tens balde, e o poço é fundo...* São detalhes justificados pelo fato de que aquele poço, que ainda hoje se pode visitar, é realmente muito fundo. Mas a objeção da mulher vai propiciar a Jesus nova revelação: *Aquele que bebe desta água voltará a*

³ “*água vivente*”, tradução literal do gr. *hýdôr zôn*, que normalmente se traduz por “*água viva*”, o que, em nosso litoral, é ambíguo. De fato, “*água-viva*” (com hífen) é um celenterado marinho de corpo mole e gelatinoso, quase invisível, que causa queimaduras na pele humana, com dor intensa. Outra tradução, melhor: “*água corrente*”, ou “*água de fonte*”. Notar que no Apocalipse a expressão grega é diferente: em vez de “*água vivente*”, o autor do Apocalipse fala em “*água da/de vida*”, *hýdôr (tês) zôês*, como a LXX o faz ao traduzir o hebr. *mayim hayyim* de Jr 2,13 (cf “*Antigo Testamento Poliglota*”, Ed. Vida Nova e Sociedade Bíblica do Brasil, SP, 2003).



ter sede; mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede (4,13-14). É uma revelação semelhante à que Jesus fará na sinagoga de Cafarnaum, ao identificar-se com o “Pão da vida”: quem vem a Ele, *nunca mais terá fome* (6,35). E Jesus prossegue, argumentando: *Pois a água que eu lhe darei tornar-se-á nele uma fonte que jorra para a vida eterna* (4,14b), isto é, para sempre. Diante desta revelação, mas sem entender ainda o alcance da palavra de Jesus, a mulher faz um pedido interesseiro: *Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede nem precise mais vir aqui para tira-la* (4,15). Essa persistente incompreensão dá possibilidade a Jesus de continuar a sua “catequese”, a sua revelação, num diálogo cada vez mais rico de perspectivas. Mas para a nossa pesquisa, no momento, bastam estas observações.

2.2. *Quem tem sede, venha a Mim* (Jo 7,37)

Uma das mais belas auto-revelações de Jesus, feita de forma solene e proclamada em alta voz, é a que João situa *no último dia* da semana da festa das Tendias. Entre as características dessa festa destacava-se a procissão diária ao tanque/piscina de Siloé, de onde se trazia água para o Templo, aí fazendo-se libações rituais, implorando a graça da chuva e proclamando as profecias sobre a fonte que devia regenerar Sião, especialmente Zc 14,8⁴, que por sua vez retoma a grande visão de Ez 47,1-12. É nesse contexto de fervor religioso e de expectativa messiânica, típicos da festa das Tendias, que Jesus, *de pé*, no átrio do Templo, proclama⁵: *Se alguém tem sede, venha a Mim / e beba, aquele que crê em Mim*. Como diz a Escritura, *do seu seio jorrarão rios de água vivificante* (7,37-38).

É conhecido o problema da tradução destes versículos, os quais, tradicionalmente, com a Vulgata Sixto-Clementina⁶, davam a entender que os *rios de água vivificante* iriam jorrar *do seio daquele que crê*, aliás em sintonia com a promessa do Senhor à samaritana em 4,14b: *...a água que eu lhe darei tornar-se-á nele uma fonte que jorra para a vida eterna*. Aqui, porém, o contexto é claramente cristológico, dando a entender

⁴ Zc 14,8: Naquele dia, sairão *águas vivificantes* de Jerusalém, metade para o mar oriental, metade para o mar ocidental, no verão como no inverno.

⁵ Lit. “grita”, como a Sabedoria em Pr 1,20.

⁶ Não a Nova Vulgata, que aqui, como em tantas outras passagens, apresenta o texto latino corrigido segundo as mais recentes edições críticas dos textos originais.



que o “seio” (em gr. *koilia*) de onde jorram esses “rios” é o do próprio Messias, o Salvador e não, a não ser num segundo tempo, o do crente.

De que “Escritura” se trata? João não cita um texto determinado, mas alude a vários deles, por exemplo, Is 12,3: *Com alegria tirareis água das fontes da salvação*, “fontes” que a antiga Vulgata, a partir da Septuaginta, traduz como “*fontes do Salvador*”⁷. Também Is 55,1.3: *Todos vós, que tendes sede, vinde às águas. Vós, que não tendes dinheiro, vinde... Escutai-me e vinde a mim, ouvi-me e haveis de viver*, texto retomado no final do Apocalipse: *Que o sedento venha, e quem o deseja, receba gratuitamente água da vida* (Ap 22,17b). Mas temos também Ex 17,6, a passagem em que Moisés *feriu a rocha* do Horeb, e dela sai a água que mata a sede do povo... ou, como se exprime o salmista: *da pedra fez brotar torrentes / e as águas desceram como rios* (Sl 78,16). Esta imagem da rocha ferida, da qual jorra a água, certamente é a que João evoca na última cena do Calvário, após a morte de Jesus, quando *um dos soldados abriu-lhe o lado com a lança, e imediatamente saiu sangue e água* (19,34), aludindo também ao rio que brota do lado direito do Templo, segundo a visão de Ex 47,1-12, Templo que, segundo o evangelista, é o próprio corpo de Jesus (cf 2,21).

Que “água vivificante”, porém, é essa, que jorra do seio do Senhor? João a identifica imediatamente: *Ele falava do Espírito que deviam receber os que nele cressem* (7,39). A água, portanto, que mata a sede, é o Espírito, que só Jesus comunica, o Espírito com a plenitude dos seus dons. E isto “de graça”, num Templo que se transformara em mercado (cf 2,16), sem outra condição senão a própria sede, a carência, o desejo do dom. Como observam Mateos-Barreto, “sentir sede significa dar-se conta de que a antiga instituição não oferecia a água do Espírito, como já se evidenciou no episódio da samaritana, e não podia, portanto, responder à íntima necessidade do ser humano”⁸.

⁷ Por coincidência, essas “fontes da salvação” ou “do Salvador”, no I Isaías provavelmente designam as “águas de Siloé” – nome que João faz questão de traduzir em 9,7: *Siloé quer dizer ‘Enviado’* – mencionadas em Is 8,6 como as águas que o povo, liderado por Acaz, rejeitou na guerra siro-efraimitica, ao preferir as “águas do Eufrates”, isto é, o auxílio da Assíria, em vez da fidelidade ao “Santo de Israel”.

⁸ MATEOS, J. e BARRETO, J., “O Evangelho de São João”, col. Grande Comentário Bíblico, Ed. Paulinas/Paulus, 1989 (trad.), p. 360.



2.3 Tenho sede (Jo 19,28)

Já lembramos, acima, que foi justamente a sede, a necessidade vital que Jesus expressou na sua penúltima palavra, na cruz, pouco antes de morrer: *Tenho sede* (19,28). E o fez, diz João, *sabendo que tudo estava consumado, e para que se cumprisse a Escritura*. Que Escritura? A do Sl 22,16, no qual o salmista se queixa da *garganta ressequida*, e da *língua colada ao céu da boca*? Mas temos também o Sl 69,22, que se refere ao sedento a quem os inimigos, em vez de água, oferecem vinagre... E é justamente o que fizeram com o Senhor, segundo o testemunho ocular do evangelista. É nesse momento que Jesus, *tendo tomado o vinagre*, que lhe foi estendido numa esponja espetada num dardo⁹, disse: *Está consumado*. Esta “consumação”, porém, não é apenas de uma passagem ou outra da Escritura, mas de *toda* a Escritura, de toda a “obra” que Jesus devia realizar, cumprindo o desígnio, a vontade do Pai¹⁰. Este desígnio consiste em dar aos humanos a *vida em plenitude* (cf 6,38-40 referente ao desígnio do Pai, e 10,10 sobre a missão do Filho¹¹), e é isto o que Jesus tem consciência de ter realizado, ou seja, “consumado”.

E, inclinando a cabeça, entregou o espírito (19,30). Insistem alguns exegetas¹² em que esta “entrega do espírito” não é mera referência ao último suspiro do agonizante, mas, dentro da polivalência semântica de João, que nos convida a passar além da letra, é já a entrega do “Espírito”, do Espírito de Jesus, à sua Igreja, nesse momento da sua morte, que é também o momento da sua *glorificação*¹³.

⁹ “dardo”, conjectural em vez de “hissopo”: cf nota da BJ e também, com mais explicações, a TEB, além, é claro, dos vários Comentários.

¹⁰ Cf 4,34: *Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra*.

¹¹ Sobre esse tema da “obra” de Jesus cf PEREIRA, N.B., “O trabalho de Deus e o nosso trabalho”, “reflexões a partir de Jo 5,17 e 9,4”, in “Encontros Teológicos” n. 9 (1990/2), pp. 13-17.

¹² Entre outros: LÉON-DUFOUR, X., in “Leitura do Evangelho segundo João”, vol. IV, Loyola SP, 1998 (trad.), p. 114; MATEOS, J. e BARRETO, J., op. cit., pp. 790-791; BROWN, R.E., “The Gospel of John”, vol. II, Anchor Bible, Doubleday, New York, 1970, p. 931. Não concorda com essa interpretação, porém, SCHNACKENBURG, R., in “El Evangelio según San Juan”, vol. III, Herder, Barcelona, 1980 (trad.), p. 351, o qual argumenta com “el simple hecho de que aqui *pneuma* no puede (!) significar el Espíritu divino”...

¹³ É dessa maneira que João se refere à morte de Jesus, já em 7,39, mas especialmente a partir de 12,23, como a “hora” de sua “glorificação”: cf toda a perícope de 12,23-31 e ainda 13,31-32 e 17,1-5.



Não é significativo que, nesta perícopes (19,28-30), os dois termos-chave são a “sede” e o “Espírito”, isto é, os mesmos termos-chave que se encontram na perícopes de 7,37-39, já examinada acima? Seria útil, pois, insistir mais na amplitude do sentido desta “sede” do Senhor, evocando, por exemplo, a “sede de Deus” do Sl 42,3: *A minh'alma tem sede de Deus, do Deus vivo...* ou do Sl 63,2: *Ó Deus, tu és meu Deus, a minh'alma tem sede de ti...*

Impressiona, aliás, a maneira cruel como os adversários, os representantes das trevas, que *não acolheram a Luz* (cf 1,5), recusam atender à súplica agoniada do Senhor, oferecendo-lhe não água, mas vinagre! Com agudeza comentam Mateos, J.-Barreto, J.¹⁴ a indicação de 19,29 sobre o *vaso cheio de vinagre*: “O vinagre que o vaso contém opõe-se ao vinho das talhas de Caná, que Jesus ofereceu aos convidados daquelas núpcias: é o ódio, que assim se contrapõe ao amor. À falta total do amor, em Caná (cf 2,3: *Eles não têm vinho!*), corresponde, na cruz, a plenitude do ódio (*o vaso cheio de vinagre*)...”

Tomando o vinagre, Jesus aceita a morte causada pelo ódio, vencendo-o com o seu *amor levado até o extremo* (cf 13,1). E é esse o momento em que ele, respondendo agora à sede da humanidade, nos entrega generosamente o seu Espírito, que é a Água da Vida.

2. A água do novo nascimento

2.1 Quem não nascer da água e do Espírito... (3,5)

No capítulo 3º do seu evangelho, João nos apresenta a figura simpática de Nicodemos, *um dos chefes dos judeus* (3,1), que veio ter com Jesus discretamente, *à noite*, e recebeu dele uma revelação inesperada: *Quem não nascer do alto*¹⁵, *não pode ver o Reino de Deus* (3,3). Como Nicodemos não entende, Jesus explica: É preciso *nascer da água e do Espírito*, para entrar no Reino (cf 3,5). Logo a seguir, Jesus dá a entender que a “água”, como nos profetas e em Qumran¹⁶, é símbolo do Espírito,

¹⁴ MATEOS, J. e BARRETO, J., op. cit. p. 789.

¹⁵ “do alto”, em gr. *ánôthen*, que tem duplo significado: “do alto”, como traduzia a BJ e traduz a Nova Vulgata, ou “de novo”, como traduz a nova BJ e se lê na Vulgata sexto-clementina.

¹⁶ Cf Nota na nova BJ, que assinala os textos de Is 44,3: *derramarei água sobre o solo sedento... derramarei o meu Espírito...*; Ez 36,25.27: *derramarei água sobre vós e ficareis puros... porei no vosso íntimo o meu Espírito...*; Zc 12,10: *derramarei sobre a casa de Davi um espírito de graça e de súplica...*



e por duas vezes, nos vv. 6 e 8, fala em *nascer do Espírito*. Trata-se, pois, de uma hendíade, isto é, a afirmação de uma realidade através de dois termos: assim, nascer “da água e do Espírito” equivale a nascer “da água do Espírito”.

É sabida a objeção de Bultmann a esta hendíade, atribuindo a menção da “água”, que ritualmente lembra o batismo, a um “redator eclesiástico”¹⁷. O fato é que o texto, como está em toda a tradição manuscrita, não pode deixar de ter esta conotação batismal, confirmada pela atividade batismal do próprio Jesus e seus discípulos pouco depois, conforme se lê nos vv. 22 e 23 do mesmo capítulo. Por outro lado, esta conotação batismal não deve ser absolutizada: nascer “da água”, pelo rito do batismo, só tem sentido se o batizando/batizado se deixar regenerar pela água do Espírito, ou seja, ele deve “nascer/renascer *do Espírito*”, o que equivale a “nascer *do alto*” ou, como diz o prólogo, “nascer *de Deus*”, pela fé¹⁸.

2.2. Eu batizo com água (1,26)

João Batista quer dizer “o batizador”, aquele que batizava com autoridade os que ficavam tocados com a sua palavra ardente e o procuravam para serem por ele *imersos* nas águas do Jordão, num gesto público de purificação e conversão. Era um rito que se inseria no quadro das abluções variadas que a Lei prescrevia, e dos banhos quotidianos que os essênios praticavam. A singularidade do batismo de João está em que, enquanto os essênios administravam a si mesmos os banhos rituais, João era o ministro de um batismo realizado uma única vez, significando a conversão efetiva do pecador diante de Deus¹⁹.

Aos emissários das autoridades de Jerusalém, que começavam a preocupar-se com a movimentação popular em torno dele, João responde: *Eu batizo com água. No meio de vós, porém, está quem não conheceis (1,26)... e é ele quem batiza no Espírito Santo (1,33)*²⁰. Nestas palavras de João se estabelece o contraste entre o batismo do Precursor, um batismo

¹⁷ Cf DE LA POTTERIE, I., in “La vita secondo lo Spirito”, editrice AVE, Roma, 1992 (trad.), p. 46, nota 33, onde são nomeados outros autores, antes e depois de Bultmann, com idêntica opinião.

¹⁸ Sobre este tema cf PEREIRA, N.B., “Batismo: nascer da água e do Espírito”, artigo in “Encontros Teológicos” n. 22(1997/1), pp. 29-36.

¹⁹ Cf LÉON-DUFOUR, X., “Leitura do evangelho segundo João”, vol. I, Loyola, São Paulo, 1996 (trad.), p. 130.

²⁰ “no” ou “com” o Espírito Santo, em gr. sem artigo, *en pneúmati hagíoi* (1,33), como também “na” ou “com” água, em gr. *en hýdati* (1,26): a preposição grega é *en*, que corresponde à preposição hebr. *be*, podendo ambas ter sentido local (em) ou instrumental (com). Cf PEREIRA, N.B., “O batismo no Espírito”, artigo in “Encontros Teológicos” n. 18 (1995/1), pp. 25-29.



preparatório, e o batismo definitivo do Messias, aquele *sobre quem o Espírito desceu e permaneceu* (cf 1,33). É de seu corpo glorificado, como de uma fonte, que o Espírito se difundirá/derramará sobre o mundo²¹.

3. As utilidades da água

3.1. A água feita vinho (2,6-9)

O primeiro dos milagres de Jesus, que João chama de “sinais”, foi o que ele realizou em Caná da Galiléia, transformando uma grande quantidade de água em vinho saboroso. Sabemos das circunstâncias do “sinal”: realizado *no terceiro dia* (2,1), após a intervenção da *mãe de Jesus*, que diz a seu Filho: *Eles não têm mais vinho* (2,3), e diz também aos serventes: *Fazei tudo o que ele vos disser* (2,4). O vinho, porém, não aparecerá magicamente²², mas virá da água que os serventes trarão para encher as *seis talhas de pedra*, com capacidade de *cerca de cem litros cada uma* (cf 2,6). É essa água de baixa qualidade, destinada às *abluições dos judeus* (2,6), que Jesus transforma em vinho. E o vinho é tão gostoso, que o organizador da festa reclama com o “noivo”: *Tu guardaste o vinho bom até agora!* (2,10) Que “agora” é este? É o do “kairós” realizado pela presença do Senhor, que vinha, finalmente, “agora”, celebrar as núpcias com o seu povo. Pois é ele o verdadeiro Noivo, o Esposo, que transforma a água da antiga Lei no vinho novo do Amor.

3.2. Águas que curam (5,4-7)

Ao descrever as circunstâncias em que se encontrava o paralítico da piscina de Betesda, ao qual Jesus curou *em dia de sábado* (5,9), João anota que ele era enfermo havia muito tempo: *trinta e oito anos* (5,5). E que, sendo paralítico, aguardava que alguém o ajudasse a descer à piscina, pois havia a crença de que o primeiro que aí descesse, *quando a água se movimentava*, ficaria curado. Jesus passa pelo local e, entre tantos outros

²¹ Assim, a bela conclusão da Nota a Jo 1,33 na antiga BJ.

²² Já IRENEU, em *Adversus Haereses III, 11,5*, o observou: “Embora o Senhor tivesse o poder de fornecer o vinho a partir do nada (*ex nihilo*), ele não procedeu dessa forma. Mas foi mudando a água em vinho que ele desalterou os convidados às bodas”. E TOMÁS DE AQUINO, na sua “*Super Evangelium Sancti Joannis Lectura*”, Marietti, Torino, 1952, n. 358 (p. 71): “Jesus não quis fazer o vinho a partir do nada, mas a partir da água, para mostrar que ele não queria estabelecer uma doutrina inteiramente nova, nem condenar a antiga, mas levá-la à perfeição”.



doentes que aí se encontravam, pergunta a este: *Queres ficar curado?* (5,6) E logo lhe ordena: *Levanta-te, toma o teu leito, e caminha!* (5,8)

Interessa-nos, aqui, não o que segue – a perseguição que Jesus sofre por ter curado o homem *em dia de sábado* (5,16) – mas o fato de esse “sinal” de Jesus ter ocorrido num local de cunho sincretista, ligado a um santuário pagão de curas, e freqüentado por judeus e pagãos que aí esperavam recuperar a saúde. E como? Aguardando o *movimento da água*, para serem curados (5,3-4). Que “movimento” benéfico é esse? Seriam águas intermitentes naturais? Ou o “movimento da água” se devia realmente à intervenção de um *Anjo do Senhor* (5,4)?²³ O fato é que Jesus não questiona a crença popular dos que ali estavam, quer judeus, quer pagãos, e intervem em favor de um deles, talvez o mais necessitado²⁴. Pois não temos também nós, na religiosidade popular católica²⁵, essa busca de fontes milagrosas de “águas que curam” como a de Lourdes ou, aqui mais perto, a de Azambuja o de Angelina?

3.3. A água do serviço (13,5)

Um detalhe essencial na cena do lava-pés, embora mencionado só de passagem, é a *água que Jesus derrama numa bacia*, ao começar a lavar os pés de seus discípulos (13,5). Sem precisarmos alegorizar o texto, como o faz Orígenes, que vê na bacia a própria Escritura e, na água, a Palavra purificadora²⁶, chama-nos a atenção o fato de que a água participa da humildade desse gesto de Jesus. Ele, *o Mestre e Senhor*, se dispõe a lavar os pés de seus discípulos, num gesto de dimensão não apenas ética, *dando-nos o exemplo* (13,14-15), mas de sentido também soteriológico: é pelo serviço, pela humilhação até a morte, que Ele nos traz a Vida. E *para ter parte com Ele*, é preciso, como Pedro, aceitar que *Ele nos lave*

²³ A propósito, esta menção do “Anjo do Senhor” se encontra no v. 4, que é relativamente tardio e se omite nas edições críticas, p. ex. na Nova Vulgata e na Bíblia da CNBB. Mesmo assim é mantida na nova BJ, que traz ainda a variante notável: “o Anjo do Senhor *se lavava*, isto é, se banhava, na piscina e agitava a água”...

²⁴ Cf PEREIRA, N.B., “Amostras da religiosidade popular no Novo Testamento”, artigo in “Encontros Teológicos” n. 6 (1989/1), pp. 6-10, especialmente p. 7, inciso 2.2: “Os doentes na piscina de Betesda”.

²⁵ E também no turismo leigo, a busca das fontes termais e minerais, como, aqui no Estado, as águas termais de Águas Mornas, em Santo Amaro, ou da Guarda, em Tubarão, ou Piratuba, no Oeste etc.

²⁶ Cf ORÍGENES, “In Joannem Commentarii” XXIII,4, cit. por SCHNACKENBURG, R., “El Evangelio segun San Juan”, vol. III, p. 491, nota 42.



os pés (13,6-8). Pois bem, a água, cujo uso mais nobre é matar-nos a sede, e que excepcionalmente foi transformada em vinho, aqui a vemos sujeitar-se a ficar, ela própria, impura, manchada, poluída, para poder prestar o serviço de restituir o frescor e a limpeza, não ao rosto ou às mãos, mas aos pés dos discípulos.

4. A fonte do lado aberto: *sangue e água* (19,34)

Após a morte de Jesus, segue uma cena cruel, desnecessária. Jesus já está morto (19,30), mas assim mesmo *um dos soldados lhe abre*²⁷ *o lado com a lança*, talvez para certificar-se da morte. Ocorre então o que o evangelista faz questão de relatar e testemunhar: *imediatamente saiu*, do lado aberto, *sangue e água* (19,34). Cito novamente Mateos, J.-Barreto, J.: “Assim como o vinagre representava o ódio (19,29), também o representa a lança. A expressão do ódio possibilita que a expressão do amor produza a vida. Da mesma forma que ao vinagre do ódio Jesus respondeu com sua morte aceita por amor (19,30: *inclinando a cabeça*), cujo fruto foi a entrega do Espírito, assim também agora, ao golpe da lança responde a efusão do sangue e da água”²⁸.

O sangue que sai do lado de Jesus simboliza a sua morte redentora, morte sacrificial do Cordeiro imolado, como João faz questão de esclarecer a seguir, quando lembra que *não lhe quebraram osso algum* (19,36, aludindo a Ex 12,46). E a água que sai, juntamente com o sangue, representa, por sua vez, o Espírito que havia de jorrar do seu corpo glorificado na cruz, segundo a promessa a *todos os que têm sede* (cf 7,38) e em cumprimento da visão de Ezequiel²⁹.

5. Ele veio pela água e pelo sangue (1Jo 5,6-8)

Na sua primeira carta, depois de proclamar que *o vencedor do mundo é aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus* (1Jo 5,5), João

²⁷ “abrir”, em gr. “ferir”, “transpassar”, do verbo *nyssô*, no aor. *ênnyksen*, talvez corruptela do aor. *ênnyksen*, do verbo *anoígô*, abrir. A Vulgata, seguida pela Nova Vulgata, lê *aperuit*, “abriu”. A propósito, veja o que escreve AGOSTINHO (*In Joan.* 120,2): “Um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança. O evangelista foi atento na escolha do verbo. Não disse: ele ‘golpeou’, ele ‘feriu’ o lado, ou algo análogo, mas ele ‘abriu’. Quería, pois, indicar que nesse lugar, por assim dizer, foi aberta a porta da vida, por onde efluíram os sacramentos da Igreja, sem os quais não é possível entrar na verdadeira Vida” (in LÉON-DUFOUR, X., op. cit. vol. IV, p. 117, nota 94).

²⁸ MATEOS, J.-BARRETO, J., op. cit., p. 795.

²⁹ Ez 47,1: *Eu vi a água que saía de sob o limiar do Templo... do lado direito...*



esclarece, a respeito de Jesus: *Este é o que veio pela água e pelo sangue: Jesus Cristo, não com a água somente, mas com a água e com o sangue* (1Jo 5,6). Que significam, aqui, a “água” e o “sangue”?

Os termos são os mesmos da cena situada na cruz, em Jo 19,34, como vimos acima, mas o sentido é outro. Como explica Léon-Dufour, o autor da carta protesta, no v. 6, contra os que, assimilando o Cristo ao Revelador gnóstico, separavam o Cristo glorioso manifestado no batismo (“pela água”), do homem Jesus, morto na cruz (“pelo sangue”)³⁰. Esta interpretação já fora proposta por Tertuliano, em inícios do século III, pouco depois de Ireneu, o qual recorda que os seguidores do gnóstico Cerinto distinguiram entre “Jesus” e “o Cristo”. Sustentavam que Jesus era mero homem, nascido de José e Maria em núpcias naturais, sobre quem o “éon” Cristo descera no batismo e de quem se retirara na paixão. Contra eles João afirma com vigor a identidade divina de Jesus, a quem confessamos como o Cristo e que, vindo do céu, passou *pela água* (do seu batismo) e *pelo sangue* (da sua paixão redentora)³¹.

Nos versículos seguintes (1Jo 5,7-8), a perspectiva muda: do passado do Cristo (o modo de sua vinda), o autor passa para o presente da Igreja, onde, juntamente com o Espírito, que é a testemunha maior (cf Jo 15,26), *a água e o sangue* são contínuas testemunhas ativas na vida dos que crêem: designam, agora, os sacramentos fundamentais do Batismo e da Eucaristia.

6. As águas da morte

6.1 A terça parte do mar e dos rios (Ap 8,8-11)

A parte propriamente apocalíptica do livro do Apocalipse inicia com os capítulos 4 e 5, nos quais o vidente, chamado a subir até o céu, tem a visão do *Trono* e de *Alguém sentado no Trono*, segurando nas mãos *um Livro fechado a sete selos*. O único *capaz de abrir o Livro e de romper seus sete selos é o Cordeiro imolado*, que de fato começa a rompê-los, um por um (capítulos 6 e 7). O Apocalipse poderia ter terminado no final do capítulo 7, após a visão dos *144.000 assinalados* e da *multidão incontável* dos redimidos, que entoam incessantemente suas doxologias.

³⁰ LÉON-DUFOUR, X., op. cit., vol. IV, p. 120.

³¹ Cf STOTT, John R.W., “I, II e III João, Introdução e Comentário”, Série Cultura Bíblica, Ed. Vida Nova, São Paulo, 1982 (trad.), p. 152-153.



Mas João tem mais a dizer. E a abertura do sétimo selo introduz a secção das Trombetas, que se estende pelos capítulos 8 a 11. Com o toque da sétima Trombeta, no final do capítulo 11 (11,15-18), pareceria termos chegado novamente ao fim das visões, quando ele anuncia que afinal o Reino do mundo passou para o Senhor e seu Ungido... Mas João vai prosseguir. E a secção dos “Sinais”, que começa no capítulo 12 e vai até o capítulo 16, conduz-nos à parte final do livro, que é a descrição do desfecho da história humana, sintetizado no julgamento da *Prostituta*, Babilônia (capítulos 17 e 18), e no triunfo da *Esposa*, Jerusalém (capítulos 19 a 21), com seu epílogo no capítulo 22³².

É no começo da secção das Trombetas que temos a referência que nos interessa: a descrição da “praga” que se abate sobre a *água* do mar e dos rios e das fontes. As Trombetas são sete, número da totalidade, e são tocadas pelos Anjos que anunciam o Julgamento. As quatro primeiras, que também indicam uma totalidade – são quatro os pontos cardiais! – anunciam flagelos semelhantes aos das pragas do Egito, e se apresentam com a mesma finalidade: são flagelos de advertência, não simplesmente para castigar, mas para levar ao arrependimento e à conversão.

O texto é altamente simbólico, mas se inspira, na sua formulação, em fenômenos naturais, apocalipticamente amplificados. Assim, a “*montanha incandescente*” da segunda Trombeta (8,8), além de talvez aludir a Jr 51,25, lembra as erupções vulcânicas³³. E a “*estrela cadente*” da terceira Trombeta (8,10), também talvez aludindo a Is 14,12, lembra os meteoros. O inesperado são os elementos atingidos: o *mar*, pela “*montanha incandescente*”, e os *rios e fontes*, pela “*estrela cadente*” que tem o nome de “Absinto”, ou seja, “Amargor”. No mar, *pereceu um terço das criaturas que nele viviam, e um terço dos navios foi destruído* (8,9). Nos rios e fontes, *a terça parte da água se converteu em absinto*, isto é, se tornou amarga, praticamente envenenada, pois *muitas pessoas morreram por causa da água que se tornou amarga* (8,11). Era o contrário do que realizou Moisés no Êxodo, em benefício do seu povo, quando tornou doces as águas amargas de Mara (cf Ex 15,23-25). É evidente que

³² Cf VANNI, U., “La struttura letteraria dell’Apocalisse”, Herder, Roma, 1971 (1ª edição); 2ª edição na Morcelliana, Brescia, 1980.

³³ PRIGENT não recomenda este recurso aos fenômenos naturais, e prefere lembrar paralelos literários da apocalíptica, p. ex. Hen. 18,13: no lugar reservado ao castigo, Henoc vê *sete estrelas como grandes montanhas abrasadas*, que representam os anjos destronados... Cf PRIGENT, P., “Apocalipse”, col. Bíblica Loyola, ed. Loyola, SP, 1993 (trad.), p. 162.



o Apocalipse não está “profetizando” a contaminação atual dos rios e lençóis freáticos e oceanos, mas o que ele descreve bem que podia servir-nos de advertência.

6.2. O mar e os rios se transformam em sangue (Ap 16,3-6)

Os capítulos 15 e 16 do Apocalipse descrevem o terceiro “*sinal grande e maravilhoso*” da secção dos Sinais³⁴: *os sete Anjos com as sete pragas, as últimas, contidas nas sete Taças de ouro, cheias do furor do Deus vivo* (cf 15,1.7). Chega a vez do segundo Anjo: ele derrama sua Taça pelo mar, *e o mar se transforma em sangue, como de um morto, e todos os seres que viviam no mar morreram* (16,3). E o terceiro Anjo derrama sua Taça *pelos rios e pelas fontes, e as águas transformam-se em sangue* (16,4).

A causa desta catástrofe é a violência humana, que é punida pela justiça retributiva de Deus, segundo a lei do talião: *eles derramaram o sangue de santos e profetas, e Tu lhes deste sangue a beber! Eles merecem!* (16,6). Não estamos mais, portanto, no tempo da misericórdia. Nem no da moderação, como no caso das Trombetas (8,8-11). Aqui, é a justiça inapelável, dura, inexorável, contra quem não usou de misericórdia, como o lembra também Tiago na sua carta³⁵. Se, no caso das Trombetas, a ameaça era a da contaminação de rios e mares, com efeitos parciais, a previsão aqui é a de um desastre ecológico total, sem remédio³⁶.

7. As águas da vida

7.1. O Cordeiro os conduzirá às fontes... (Ap 7,17)

Contrastando com a visão dessas “águas da morte”, o Apocalipse antecipa, no final do capítulo 7º, a beleza do mundo renovado, apresentando-nos a felicidade da *multidão incontável* dos redimidos, *o s*

³⁴ Os outros dois “Sinais” foram apresentados em contraposição no capítulo 12: a Mulher (12,1-2) e o Dragão (12, 3-4).

³⁵ Tg 2,13: *O juízo será sem misericórdia contra aquele que não pratica a misericórdia.*

³⁶ Ver, a propósito, o extraordinário oráculo de Oséias 4,1-3, no qual o profeta, já no seu tempo, fala de um colapso ecológico, como consequência da falta do verdadeiro *conhecimento do Senhor*, isto é, do conhecimento de Deus que leva à prática da justiça e da solidariedade.



que vieram da grande tribulação (7,9,14): nunca mais terão fome nem sede (7,16)... e o próprio Cordeiro os apascentará e os conduzirá às fontes de água da vida (7,17).. Realizar-se-á então em plenitude a certeza do salmista: O Senhor é o meu pastor, nada me falta. Ele me conduz para águas refrescantes e restaura minhas forças... (Sl 23,1-2) Todos os anseios profundos da humanidade, suas necessidades pessoais e coletivas, tudo encontrará enfim satisfação naquela terra e céu novos, que Deus preparou para aqueles que O amam (cf 1Cor 2,9).

7.2. O rio de água da vida que sai do Trono (Ap 22,1)

No final do livro, a partir dos últimos versículos do capítulo 20, ao descrever o julgamento definitivo, João afirma que *o céu e a terra antigos desaparecerão (20,11)*, como desaparecerão também *a Morte e o Hades, lançados no lago de fogo (20,14)*. Desaparecerá *o próprio mar*, moradia das forças do mal (cf Dn 7,3), como desapareceu, nos dias do Êxodo, o mar Vermelho, ante a passagem do povo de Israel (Ex 14): agora, porém, *tendo entregue os mortos que nele jaziam (20,15)*, o mar desaparecerá para sempre (21,1). Desce então do céu *a nova Jerusalém*, na qual *não há templo, pois o seu templo é o Senhor e o Cordeiro (21,22)*. Desaparecerão também o sol e a lua, pois *a glória do Senhor ilumina a Cidade e a sua lâmpada é o Cordeiro (21,23)*, e *não haverá mais noite (22,5)*. Não haverá outros rios senão *o rio de água da vida, brilhante como o cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro (22,1)*, e em cujas margens, de ambos os lados, *floresce a árvore da vida, dando frutos a cada mês (22,2)*: é, ainda, a visão de Ezequiel³⁷.

7.3. Quem tem sede, venha! E receba, de graça, da água da vida (Ap 22,17)

Tornada pública, pelo seu livro, a *revelação de Jesus Cristo, sobre as coisas que devem acontecer muito em breve (1,1)*, o vidente lança um apelo final, que retoma o convite do profeta Isaías (Is 55,1) e, mais que tudo, a oferta solene do próprio Senhor Jesus no último dia da festa das Tendas: *Quem tem sede, venha a Mim / e beba, aquele que crê em mim (Jo 7,37)*. Agora, o próprio vidente faz-se porta-voz da generosa garantia do Senhor, identificado com os títulos solenes de *Alfa e Ômega, Princípio*

³⁷Ez 47,1-12.



e *Fim*, o qual proclama solenemente: *A quem tem sede, eu darei gratuitamente da fonte de água da vida* (21,6). Agora, no final do livro, João o reafirma com palavras que são um sonoro eco da oferta do seu Mestre: *Quem tem sede, venha! E quem o deseja, receba gratuitamente da água da vida* (22,17).

Não poderia terminar de modo mais belo o Apocalipse. A fonte divina aí está, refrescante e pura, derramando-se num rio capaz de matar toda a sede de toda a humanidade. É só aproximar-se, é só beber.

Conclusão

A Campanha da Fraternidade deste ano, sobre a Água, vem chamar-nos a atenção para a preciosidade deste líquido vital, cuja escassez se anuncia. Pois essa escassez anunciada, até agora pouco percebida entre nós, especialmente aqui no sul do Brasil, certamente nos levará a perceber com mais concretude a força das inúmeras passagens bíblicas que nos falam desse elemento essencial. Entre tantos textos, esses que destacamos nos escritos de São João, com a sua dimensão cristológica e pneumatológica característica, certamente ocupam um lugar especial. Cada um de nós, doravante, ao sentirmos sede, ao pedirmos de beber e, principalmente, ao nos empenharmos para que a água não falte a ninguém, reafirmaremos com certeza redobrada que cremos, por sermos cristãos, naquele que nos conduz *para as fontes de água da vida*. E essas fontes brotam, já agora – nós o *cremos e sabemos* (Jo 6,69) – do próprio seio do Senhor, o Cordeiro imolado para a vida do mundo.

Endereço do Autor:

ITESC – cx postal 5041
88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC
email: neybrasi@terra.com.br